

COOPERAÇÃO ACADÊMICA INTERNACIONAL E ACOLHIMENTO: ALGUMAS REFLEXÕES SOBRE O BEM-RECEBER E O PARADIGMA DO DOM (E) DA HOSPITALIDADE

 SILVIA GARCIA NOGUEIRA

 <https://doi.org/10.47180/omij.v4i3.245>

“Desde que cheguei aqui, sinto falta de um abraço”.

A

fala de uma estudante angolana durante uma entrevista que realizei em situação de

pesquisa em 2022 no Brasil e em Portugal¹ chama a atenção para a dimensão afetiva da cooperação acadêmica internacional. Este tema geralmente é tratado em uma perspectiva burocrática e/ou política, no nível dos protocolos assinados por estados e instituições de ensino. Entre papéis, processos e reuniões formais, perde-se o olhar humanizado para os indivíduos que constroem a mobilidade estudantil.

Uma grande parte dos/as estudantes estrangeiros/as que ingressa nas uni-



versidades para fins de capacitação é composta por jovens que vivenciam morar longe da família pela primeira vez. Nesse sentido, estudar no exterior é uma ação voltada para a formação profissional e, igualmente, relacionada à construção de autonomia desse ser humano, a partir da marca da experiência migratória. Mas não é tudo.

Particularmente no que tange àquelas/as do Sul Global², sobre essas pessoas pairam ainda expectativas estatais e familiares de estímulo ao desenvolvimento do país de origem (no primeiro caso) e de mobilidade social (no segundo). O fantasma do não-cumprimento ao esperado gera sofrimento e, em última instância, coloca em risco a própria cooperação, o objetivo de internacionalização das instituições de ensino superior (IES) e os esforços realizados

¹ O projeto de pesquisa intitulado “Lusofonia e acolhimento de estudantes da CPLP em universidades brasileiras e portuguesas” foi desenvolvido no período de 1 de fevereiro a 31 de julho de 2022 no âmbito de dois estágios pós-doutorais realizados em simultâneo em Portugal no Centro de Investigação “Didática e Tecnologia na Formação dos Formadores” (CIDTFF) da Universidade de Aveiro (UA/Aveiro) e no Brasil junto ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Estratégicos (PPGEST) e ao Laboratório de Estudos sobre a Política Externa Brasileira (LEPEB) da Universidade Federal Fluminense (UFF/Niterói/Rio de Janeiro). Aproveito para agradecer o acolhimento que ambas as instituições me ofertaram e o valioso diálogo com os supervisores dos pós-doutoramentos, Betina Lopes e Susana Pinto (UA) e Adriano de Freixo (UFF). Agradeço ainda aos interlocutores e às interlocutoras do estudo pela generosa disponibilidade de compartilhar informações, interpretações próprias e sentimentos sobre o assunto comigo.

² Conforme apresentado em outro lugar (BARROS e NOGUEIRA 2015, p.118), os conceitos de “Norte” e “Sul” são vagos e/ou polissêmicos, referidos a um “sistema político hierarquizado de classificação internacional” em que “Sul” corresponde a um “conjunto de países que poderiam ser identificados como de Terceiro Mundo, subdesenvolvidos ou em desenvolvimento, ou mesmo potências emergentes”, em contraste com o “Norte”, países de Primeiro Mundo, desenvolvidos ou grandes potências. Ressalte-se que “mais importante que as definições de um e outro é a assimetria que marca a relação entre países que pertencem a um ou outro conjunto” (idem).



pela família. Este artigo parte deste contexto, que além de colocar desafios concretos à operacionalidade da cooperação cotidianamente construída, inclui ainda dimensões afetivas envolvidas na experiência migratória da capacitação no exterior.

Diante da questão norteadora da pesquisa como um todo, na qual se baseia a presente reflexão, sobre como a cooperação acadêmica internacional é construída cotidianamente e de que modo os estudantes são recebidos no Brasil e em Portugal, a questão da hospitalidade surge como uma necessidade concreta, tanto em suas dimensões materiais (alojamento, alimentação, entendimento do sistema acadêmico, língua de ensino e comunicação) quanto nas imateriais (sentimentos de solidão ou amizade, fracasso ou sucesso, ansiedade/depressão ou entusiasmo e vislumbre de futuro melhor).

A opção pelo método etnográfico adotado, que pressupõe observar, conversar, vivenciar, participar, estar e interpretar junto aos/às e com os/as interlocutores/as da pesquisa – no caso, cerca de 40 estudantes de Angola, Brasil, Cabo-Verde, Guiné Bissau, Moçambique e Timor-Leste, no Brasil e em Portugal –, evidencia o entendimento da cooperação acadêmica internacional sob o paradigma do dom (e) da hospitalidade (NOGUEIRA e ARAÚJO, 2019; IÓRIO e NOGUEIRA, 2019; CAILLÉ, 2002).

Nessa direção, ao lado de ações práticas e empíricas a serem adotadas pelos anfitriões, receber bem os/as alunos/as estrangeiros/as implica na adoção de uma perspectiva que inclua também os afetos envolvidos na mobilidade estudantil, de modo que esses sujeitos se sintam acolhidos.

O DOM E A HOSPITALIDADE NA COOPERAÇÃO ACADÊMICA

A dimensão cotidiana da cooperação acadêmica internacional requer uma abordagem multidimensional. Entrelaça protocolos entre Estados a IESs, processos de desenvolvimento nacional/local, mobilidade social, projetos familiares e objetivos individuais. A capacitação no exterior abrange estratégias de projeção internacional do país e formação de alianças entre os Estados, capacitação profissional voltada para o desenvolvimento do estado emissor (em particular os do Sul Global), construção de autonomia e amadurecimento dos/as estudantes, internacionalização das universidades receptoras. Esta ultrapassa o próprio universo acadêmico, impactando sobre políticas educacionais – ao incorporar (ou não) diferenças culturais presentes na mobilidade estudantil - e vinculando-se a processos e objetivos heterogêneos dos sujeitos da cooperação (NOGUEIRA, 2021, 2004; ALMEIDA, 2016; SEBASTIÁN, 2004).

Particularmente em cooperações de tipo Sul-Sul (CSS), do e no Sul Global, elas são percebidas como importante mecanismo para a promoção do desenvolvimento humano (CAIXETA, 2014), o reforço de modelos de desenvolvimento nacional/regional, além do estímulo à solidariedade diante das desigualdades no cenário internacional (MUÑOZ, 2016). Este é o caso, da cooperação estabelecida entre o Brasil e os Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa (PALOP), ou o asiático Timor-Leste.

Diferentemente de um referencial orientado pelo pressuposto de horizontalidade entre os membros da CSS, em cooperações do tipo Norte-Sul, a lógica da cooperação é marcada por uma assimetria – no caso de Portugal, na relação da ex-metrópole com as ex-colônias (Brasil, Palops, Timor-Leste), com as quais há um entendimento de atenção a elas como orientação de política externa (MENDES, 2011).

Pensar a cooperação acadêmica sob o paradigma do dom e da hospitalidade significa ressaltar os vínculos mútuos estabelecidos entre os parceiros, sejam eles Estados, instituições e/ou indivíduos. De acordo com Nogueira e Araújo (2019, p.102), “é justamente nas interrelações que vinculam os indivíduos que o paradigma do dom repousa”.

O dom, assim, é simultaneamente “motor e performador” (CAILLÉ, 2002, p. 19) das alianças. Isso porque, tal

como entende Mauss (1966), em uma relação de troca – que envolve os atos de dar, receber e retribuir -, como pode ser lida a cooperação acadêmica aqui tratada, o dom trocado vincula os parceiros, gera obrigações mútuas e carrega sempre algo deles que segue para o outro. Por isso mesmo o dom trocado pode ser algo material ou imaterial, espiritual, ainda que, como Perrot (2011) interpreta, ele seja “mais mental que material”, pondo em questão a identidade dos parceiros. Isso porque o doador dá algo de si no dom, que é recebido e acolhido pelo outro parceiro da troca. Esse último, por sua vez, tendo acolhido o que recebeu, deve retribuir à altura o dom, fortalecendo, a partir da dívida criada com o doador, o vínculo fundado e alimentado por ambos através de prestações e contraprestações (NOGUEIRA, 2014).

Na situação da cooperação acadêmica internacional, na recepção de estudantes estrangeiros, o dom em jogo é o da hospitalidade. Ser hospitaleiro implica em doar-se. Para Perrot (2011), quem pratica a hospitalidade recebe o outro, e quem é recebido doa a si mesmo. Esse movimento constrói um sentimento de pertencimento comum. O acolhimento, entretanto, pressupõe tanto confiança entre anfitriões e hóspedes quanto respeito a regras de boa conduta da “casa” (NOGUEIRA, 2014; PERROT, 2011).

É na tensão construída pelas interpretações de anfitriões (IESs) e hóspedes (estudantes) sobre o que é acolher e receber bem (e ser bem acolhido e bem recebido) que a perspectiva da cooperação acadêmica sob o paradigma do dom e da hospitalidade possibilita inserir a dimensão afetiva dos sujeitos cooperantes. Não à toa são significativos os desafios enfrentados pelas instituições e pelos sujeitos da cooperação, que revelam e doam algo de si ao outro em um espaço ao mesmo tempo geográfico, social e simbólico, permeado por situações eventualmente de desconfiças mútuas, por um lado, e, por outro, por incertezas ou não compreensão quanto às regras do jogo.

Em especial no universo da pesquisa em tela (estudantes lusófonos em universidades brasileiras e portuguesas), na ótica dos estudantes, alguns dos problemas apontados foram: 1) os professores nem sempre aceitam as variantes do Português utilizadas pelos/as alunos/as em seus trabalhos acadêmicos, o que pode gerar neles sentimentos de ansiedade, fracasso, incompetência e exclusão, atrapalhando inclusive a percepção de integração com a turma e a absorção de conteúdos; 2) na chegada ao país, à cidade e à universidade de destino, além de estranhamentos culturais significativos, dificuldades para encontrar alojamento, diferenças climáticas e falta de infor-

mações sobre como se deslocar na cidade, a localização dos diferentes setores da universidade e o funcionamento do sistema acadêmico são apontados como fatores que geram ansiedades e receios relativos à integridade física, ao isolamento social, ao desempenho acadêmico e à falta de acesso ao lazer (em sua maioria, são jovens!); 3) a falta de ajuda com a burocracia das renovações de vistos para estudo e, diferentemente, a pouca atenção dada pelas IESs à saúde emocional e mental dos/as estudantes reforça o peso da responsabilidade que carregam junto às suas famílias (que investem recursos financeiros e sonhos de um futuro melhor) e ao seu próprio país (que conta com a capacitação profissional no exterior como estratégia de investimento voltado para o desenvolvimento).

ACOLHIMENTO COMO UM ABRAÇO: MAIS ALGUMAS PALAVRAS

As “pessoas que encontramos não são para ser dissecadas, mas antes para ser acolhidas, e os afetos nos permitem acolhê-las o máximo possível em suas diferenças, suas estranhezas, suas multiplicidades e duplicidades” – é o que Jean-Luc Mariceau (2020, p. 60) nos lembra. Nesse caminho, “ser afetado requer hospitalidade ao que está por vir e afetar cria uma responsabilidade para o frágil, o vulnerável, o diferente”



(p.59). Entretanto alerta que “não há método para acolher”, pois se constitui em “uma sensibilidade, uma atitude, uma ética” (p.60). Para ele, o estrangeiro, que representa a diferença, nos “interpela” (p.61).

A incorporação do paradigma do dom (e) da hospitalidade na cooperação acadêmica internacional propriamente dita e como tema a ser estudado exige de anfitriões (universidades) e hóspedes (estudantes), mas também de pesquisadores sobre o assunto, um nível de afetação que permita a todos o aprendizado mútuo, a disponibilidade para a interpelação, a construção conjunta de soluções aos desafios e o desejo de fortalecimento de vínculos sociais criados. É preciso ter clareza também o que de si vai para o outro e o que do outro se recebe.

As atitudes adotadas em relação às sensibilidades e visões de mundo distintas, interpretações variadas sobre os próprios sentidos da cooperação e experiências diversas vivenciadas cotidianamente pelos agentes envolvidos é que fazem a diferença entre o acolhimento efetivo e afetivo ou o protocolar, burocrático, formal.

Entre as consequências possíveis da primeira opção estão: alianças duradouras entre os Estados parceiros; maior projeção internacional das instituições de ensino superior com base em boa reputação; sucesso nos objeti-

vos estratégicos de formação de quadros capacitados para atuarem em projetos particulares de desenvolvimento dos países de origem dos estudantes; possibilidades concretas de mobilidade social das famílias dos/as alunos/as e amadurecimento profissional e pessoal dos próprios estudantes.

Assim como no abraço desejado pela estudante angolana interlocutora da pesquisa, que pressupõe disponibilidade para a aproximação estreita com o outro, confiança no que se vai receber e entregar de si para quem abraça, a cooperação nesses termos pode operar como um abraço acolhedor ansiado.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, André Albino. 2016. “A internacionalização do ensino superior por ser uma via de humanização?”. In: Rogério Adolfo de Moura e André Albino de Almeida (orgs.), *Internacionalização do Ensino Superior: desafios e perspectivas*. Curitiba: Editora CRV, pp. 27-44.
- BARROS, Deolindo de, NOGUEIRA, Silvia Garcia. 2015. “Cooperação Educacional Internacional Brasil/África: do Programa Estudantes-Convênio de Graduação (PEC-G) à Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (Unilab)”. *Revista de Estudos Internacionais (REI)*, 6(2): 117-133.
- CAILLÉ, Alain. *Antropologia do Dom: o terceiro paradigma*. Petrópolis: Vozes, 2002.
- CAIXETA, Mariana B. 2014. *Cooperação Sul-*

-Sul como nova tendência da cooperação internacional: o discurso e a prática da cooperação técnica do Brasil com São Tomé e Príncipe para o combate à tuberculose. Brasília: UNB.

IORIO, Juliana, NOGUEIRA, Silvia Garcia. 2019. O acolhimento de estudantes internacionais: brasileiros e timorenses em Portugal. *REMHU*, 27(56): 197-215.

MAUSS, Marcel. *Sociologie et Anthropologie*. Paris: PUF, 1966.

MENDES, Nuno Canas. Notas sobre a política externa portuguesa e os interesses portugueses em Timor Leste. In: LEACH, Michael., Et al., (Eds.). *New Research on Timor Leste. Proceedings of the 3th. Timor Leste Association Conference*, Díli, 2011, p. 125-128.

MORICEAU, Jean-Luc. 2020. *Afetos na pesquisa acadêmica*. Belo Horizonte: Fafich/Selo PPGCOM/UFMG (Encontros 2 – Diferenças e vulnerabilidades: hospitalidade e acolhimento).

MUÑOZ, Enara Echart. Una visión crítica de la cooperación Sur-Sur, prácticas, actores y narrativas. In: *Cooperación Sur-Sur, política exterior y modelos de desarrollo en América Latina*. Maria Regina Soares Lima, Carlos R.S. Milani, Enara Echart Muñoz (Eds.). Ciudad Autónoma de Buenos Aires: CLACSO, 2016.

NOGUEIRA, Silvia Garcia. 2021. Estudantes timorenses em Portugal e no Brasil: uma perspectiva etnográfica da cooperação acadêmica. In: Suzani Cassiani, Vicente Paulino e Patrícia Giraldo (Orgs.), *Deco-*

lonialidade na Educação de Timor-Leste: Dilemas e Perspectivas. Florianópolis/Díli: Repositório de Práticas Interculturais da UFSC e Centro de Estudos de Cultura e Artes da UNTL. pp. 29-49.

_____. 2014. “Cooperação educacional Brasil-Timor-Leste e a dádiva da hospitalidade paraibana: reflexões sobre uma experiência”. In: Mirian Santos, Regina Petrus, Anita Loureiro (orgs.), *Recortes Interdisciplinares sobre Migrações e Deslocamentos*. Rio de Janeiro: Léo Christiano Editorial.

NOGUEIRA, Silvia Garcia, ARAÚJO, Wemblley Lucena de. 2019. “Cooperação Brasil-Timor-Leste sob o paradigma do dom e da hospitalidade”. *Carta Internacional*, 14(2): 100-126.

PERROT, Danielle. 2011. “Dádiva. Hospitalidade e reciprocidade”. In: Alain Montandon (dir.), *O Livro da Hospitalidade. Acolhida do Estrangeiro na História e nas Culturas*. São Paulo: Editora Senac, 2011, p. 63-72.

SEBASTIÁN, Jesús. 2004. *Cooperación e internacionalización de las universidades*. Buenos Aires: Biblos.

SILVIA GARCIA NOGUEIRA É UMA EX-JORNALISTA FORMADA PELA PUC-RIO QUE VIROU ANTROPÓLOGA E SE TORNOU PROFESSORA DE RELAÇÕES INTERNACIONAIS NA UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA. O INTERESSE PELA COMUNICAÇÃO SOCIAL E AS INTERAÇÕES HUMANAS SEMPRE FOI UMA CONSTANTE, SE REFLETINDO TANTO NOS SEUS ESTUDOS DURANTE O MESTRADO E O DOUTORADO EM ANTROPOLOGIA NO MUSEU NACIONAL/UFRJ, QUANTO EM SUA ATUAÇÃO EM GRUPOS DE PESQUISA COMO O CENTRO DE ESTUDOS AVANÇADOS EM POLÍTICAS PÚBLICAS E GOVERNANÇA/CEAPPG-UEPB E O MOPRI/ MÍDIA E OPINIÃO PÚBLICA NAS RELAÇÕES INTERNACIONAIS. É PARTICULARMENTE FASCINADA PELAS DISTINTAS PERSPECTIVAS E HISTÓRIAS DE VIDA DOS ESTUDANTES INTERNACIONAIS DO SUL GLOBAL EM UM PAÍS DIFERENTE DO SEU. TEM APRENDIDO MUITO COM ELES.
SILVIANOGUEIRA@SERVIDOR.UEPB.EDU.BR

